

LEITURA E PRODUÇÃO: o uso da crônica na construção do sujeito crítico no 2º ano do ensino médio

Dayse Ferreira da Silva ¹
Ada Alyne Silva Vieira ²
Aianny Aparecida Diniz de Sousa ³
Janete Fernandes dos Santos ⁴
Jeferson Silva da Cruz ⁵

RESUMO

O presente trabalho visa analisar o desenvolvimento crítico-reflexivo dos alunos do 2º ano do Ensino Médio através do gênero crônica, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa. Para isso desenvolvemos uma pesquisa-ação com abordagem qualiquantitativa, cujo os objetivos foram fomentar o posicionamento crítico dos alunos; explorar a temática apresentada na crônica, através da análise crítica e verificar a habilidade de escrita criativa dos discentes de uma escola pública na cidade de Catolé do Rocha, situada no sertão paraibano. A perspectiva teórica que embasa esta reflexão parte, principalmente, das leituras de Antunes (2003, 2010), Kleman (2006) e Koch & Elias (2022) acerca das estratégias que constituem um leitor e escritor crítico, e de Candido (1992) Marcuschi (2008) e Távola (2001) para discussão do gênero analisado.

Palavras-chave: Sertão paraibano, Sujeito crítico; Crônica, Gênero; Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios das civilizações, o ser humano tem sido a figura central nas interações sociocomunicativas, sejam elas de cunho político ou cultural. Antes mesmo de ingressarmos na escola, já utilizamos nossa capacidade comunicativa, desempenhando o papel de emissores e receptores de informações, confirmando e atribuindo significado aos discursos ao nosso redor. Nesse contexto, surge a questão que motivou esta pesquisa: Se já possuímos essas habilidades linguísticas, de que forma a crônica, um gênero primário no processo de ensino e aprendizagem, pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos do 2º ano do Ensino Médio?

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, dayse.ferreira.silva@aluno.uepb.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ada.vieira@aluno.uepb.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, aianny.sousa@aluno.uepb.edu.br;

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, janete.fernandes@aluno.uepb.edu.br ;

⁵ Mestre do Curso de Estudo da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jeferson.cruz@servidor.uepb.edu.br.

Na tentativa de responder a esse questionamento, inicialmente, adotamos a visão de Marcuschi (2008), que destaca que a função da escola vai além de ensinar a língua propriamente dita. Seu papel é cultivar reflexões sobre os usos não convencionais da língua, seja ela escrita ou falada. Nesse sentido, a partir do século XX, os estudos voltados para o texto passam a ressignificar a função da língua em relação ao sujeito falante e suas necessidades, sejam elas reflexivas, interpretativas ou discursivas em sala de aula. O texto deixa de ser pretexto para a criação de frases forjadas, exercícios de classificação de nomenclaturas, e passa a refletir sobre o texto nos seus mais diversos meios de circulação e na sua diversidade de usos.

A partir desse momento, o texto deveria ser o eixo central do Ensino de Língua Portuguesa. No entanto, as práticas de leitura e reflexão do texto, geralmente, não são abordadas de maneira efetiva no processo de ensino e aprendizagem, tampouco auxilia para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos do ensino básico. Isto posto, constata-se a necessidade de explorar gêneros textuais que despertem e estimulem o posicionamento crítico dos alunos não apenas em sala de aula, mas no âmbito acadêmico e social. Sob essa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, torna o uso dos gêneros textuais uma prática indispensável em sala de aula, pois a partir deles é possível envolver diferentes tipos linguagens e desenvolver, bem como aprimorar competências e habilidades que vão para além do âmbito acadêmico.

Desse modo, a escolha da crônica neste trabalho justifica-se pelo fato de ser um gênero que emerge de temáticas baseadas em fatos do cotidiano e assim permite desenvolver o interesse, bem como promover o debate dos problemas sociopolíticos que afetam não apenas a comunidade em que os alunos do Ensino Médio estão inseridos, mas a sociedade como um todo. Isso tudo acontece dentro de uma estrutura híbrida, que mescla o lirismo da literatura com a exposição do jornal, além de contar com um corpo textual relativamente curto e uma linguagem padrão, mas coloquial.

Assim sendo, este estudo propõe-se a analisar de que maneira o gênero crônica pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo dos alunos do 2º ano do ensino médio. A partir da leitura e produção desse gênero, buscamos não apenas fomentar a compreensão crítica da temática abordada, mas também fomentar a participação ativa dos estudantes na sociedade, estimulando sua autonomia e criatividade na escrita.

Nesse sentido, ao final do estudo, pretendemos demonstrar que a crônica pode ser um instrumento de formação cidadã e de reflexão sobre o mundo ao redor. Para isso,

traçamos um percurso, a princípio, de discussão sobre a relação entre o processo de leitura e o desenvolvimento da autonomia na escrita dos alunos, por meio dos gêneros textuais no tópico *A interação com o texto no desenvolvimento da produção autônoma*; posteriormente entenderemos as contribuições históricas do gênero crônica nas reflexões críticas ao longo dos séculos, no tópico *A crônica na formação do sujeito crítico*. Por fim, analisaremos uma das crônicas produzidas pelos discentes durante nossa intervenção, no tópico de *Resultados e discussões*.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos preestabelecidos neste trabalho, realizamos uma pesquisa-ação, que requer a participação ativa do pesquisador (Thiollent, 2011). Optamos por uma abordagem qualiquantitativa, pois isso nos permite compreender como os alunos interpretam e produzem textos críticos a partir da crônica. A pesquisa foi conduzida na Escola Agrotécnica do Cajueiro, localizada no município de Catolé do Rocha, sertão da Paraíba. Para este estudo, selecionamos uma turma específica, escolhida por conveniência, ou seja, por estar disponível e disposta a participar da pesquisa. Participaram 22 alunos, todos cursam a disciplina de Língua Portuguesa e com idade entre 16 e 18 anos.

Para a coleta de dados, planejamos quatro aulas, as quais foram divididas em dois módulos: o primeiro consiste na conscientização do gênero crônica, através revisão, bem como na identificação dos elementos que compõe a estrutura do gênero, por meio da leitura e análise da crônica “País rico”, de Lima Barreto; O segundo módulo ficou restrito para a escrita das crônicas.

Para a análise da crônica, nos fundamentaremos nas concepções de Marcuschi (2008), visando compreender como as escolhas discursivas do aluno contribuem para a construção de sentidos e para a adequação ao contexto e propósito do gênero. Dessa forma, será possível verificar de que modo a linguagem utilizada estimula a reflexão crítica do leitor. Por fim, a pesquisa respeitou as normas éticas, informando os alunos sobre os objetivos da pesquisa e sua participação voluntária garantida por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido.

A INTERAÇÃO COM O TEXTO NO DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO AUTÔNOMA

Comumente falamos que para escrever um bom texto precisamos, anteriormente, de um repertório de leitura significativo, isso porque é a partir interação entre texto e leitor que ocorre a expansão do vocabulário, bem como o estímulo para uma escrita mais fluente e expressiva. Nesse caso, é possível admitir aqui a colocação de Koch & Elias (2022), quando refere-se à leitura como uma atividade de produção de sentido, pois, é através dela que fazemos inferências, compreendemos, interpretamos e atribuímos significado aos conteúdos apresentados.

Nessa perspectiva, a escola tem o papel fundamental de explorar as práticas de leitura, considerando, a princípio, a linguagem como uma “interação entre os sujeitos em sociedade” (Kleiman, 2006, p. 25). Desse modo, os indivíduos produzem linguagem e constroem contextos a partir da língua em uso. No entanto, apesar das evoluções significativas nas últimas duas décadas, as abordagens do texto em sala de aula ainda acontecem de maneira mecânica, geralmente, usado apenas para fins avaliativos, e de forma descontextualizada: desvinculando-a dos seus usos sociais. Isso reflete numa interpretação limitada que resulta num “desgosto” pela leitura. Para isso, Kleiman (2006) argumenta

[...] sem essa capacidade de criação de contexto, de contextualizar, não seríamos capazes de agir em sociedade. É a característica inalienável da língua que permite a compreensão, que é ato ativo, que ‘confunde com uma tomada de posição a propósito do que é dito e compreendido’ (Bakhtin/Volochinov, [1929]1981: 99). (Kleiman, 2006, p. 26)

Nesse sentido, compreender algo é sempre um ato ativo e contextual, e essa compreensão envolve se posicionar diante do que é dito. Essa visão dialoga com a crítica de Antunes (2010) sobre a prática pedagógica de análise de frases isoladas, que, ao fragmentar o texto, impede a apreensão de seu significado completo. Diante disso, é necessário que os textos sejam abordados como unidades integrais de sentido, permitindo que os alunos façam uma leitura crítica e contextualizada. Isso reflete a ideia de que a compreensão vai além da decodificação de palavras e frases, mas envolve a construção de significado a partir da totalidade do texto e de suas relações com o contexto social e discursivo. Antunes (2010) sugere como essa análise deveria funcionar no âmbito escolar:

[...] analisar textos é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentidos decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. É procurar descobrir o

conjunto de suas regularidades, daquilo que costuma ocorrer na sua produção e circulação, apesar de imensa diversidade de gêneros, propósitos, formatos, suportes em que eles podem acontecer. (Antunes, 2010, p. 49)

Antunes propõe que a análise de um texto deve ser um processo detalhado e completo, que vai desde a estrutura e organização até as escolhas de palavras e frases, considerando também o contexto e os efeitos que essas escolhas produzem. Além disso, ela ressalta que, apesar da diversidade de gêneros e formatos, existem padrões que podem ser identificados. Analisar um texto significa, então, desvendá-lo em suas múltiplas camadas, buscando entender como cada uma contribui para a construção do seu significado e propósito.

Essa análise textual descrita por Antunes pode ser diretamente associada ao estudo dos gêneros textuais, pois quando estudamos um gênero, estamos buscando compreender essas características específicas que o distinguem de outro tipos de textos e como elas se repetem em diferentes contextos. Nesse sentido, utilizar os gêneros textuais contribui não só para uma leitura dinâmica, mas também para o desenvolvimento de uma escrita autônoma e funcional, como bem explana Marcuschi (2008):

[...]os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. Isto faz com que Amy J. Devitt (1997) identifiquem o gênero como nossa 'linguagem estandar', o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação. (Marcuschi, 2008, p. 156)

Acerca dessa lógica, a complexidade dos gêneros textuais como mediadores entre a liberdade de expressão e as normas sociais, não apenas condicionam e limitam a produção textual, mas também oferecem um espaço para criatividade e inovação. Essa dualidade é fundamental para entender como a escrita funciona na prática e como os escritores navegam entre a conformidade e a expressão individual em suas produções. Assim, a compreensão dos gêneros é essencial para o ensino da língua, mas também para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas na produção textual. No próximo tópico entenderemos como esses aspectos acontecem na crônica.

A CRÔNICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO

Desde a Idade Média, a discussão sobre os gêneros textuais emergem das

especificidades da estrutura e conteúdo de cada texto. Apesar de não ser algo novo, o estudo dos gêneros textuais passam a ter uma nova perspectiva a partir da metade do século XX. Os gêneros, a partir desse momento, não estão vinculados apenas à literatura, mas possuem um caráter multidisciplinar, no que se refere ao uso da língua nas suas mais diversas aplicações culturais e sociais (Marcuschi, 2008).

Nesse sentido, o professor Marcuschi (2008) em sua obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, deixa claro que eles são ações de ordem comunicativa, pois quando associados a estratégias específicas, buscam atingir objetivos preestabelecidos pela sua esfera de circulação. A partir dessa perspectiva, os gêneros são compreendidos não apenas como estruturas linguísticas, mas como práticas discursivas intencionalmente construídas para responder a necessidades sociais e culturais.

No ensino de Língua Portuguesa, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) orienta que os gêneros textuais sejam introduzidos para ampliar o contato dos alunos com diferentes contextos socioculturais e incentivar a participação nos diversos campos de atuação. Essa abordagem visa não apenas proporcionar contato com textos variados, mas também aproximar a prática de ensino das experiências de linguagem que os jovens já vivenciam em seu cotidiano escolar. Kleiman (2006) reforça essa perspectiva ao afirmar:

Considerando as formas de circulação do gênero nas instituições do mundo atual, não há por que não incluir a escola no ‘circuito dos gêneros’ (Kleiman, 2003). Uma característica marcante dos gêneros que tem sido atribuída à globalização (Fairclough, 2002), é o seu deslocamento das práticas institucionais de origem. (Kleiman, 2006, p. 29).

Essa mobilidade, acentuada pela globalização, permite que os gêneros textuais transitem entre diferentes esferas sociais, adaptando-se e assumindo novas funções conforme mudam os contextos em que são utilizados. Nesse sentido, a escola deve ser vista como uma das instituições capazes de promover essa transição, de preparar os alunos para interagir com gêneros que vão além do ambiente acadêmico, e assim contribuir para o desenvolvimento de habilidades que lhes permitam atuar criticamente na sociedade.

Seguindo essa perspectiva, a escola pode, ao introduzir gêneros textuais, como a crônica, fomentar a formação crítica dos alunos. Como afirmou Marcuschi (2008), os gêneros podem ser compreendidos como formas de ação social, uma vez que se moldam às dinâmicas políticas e sociais contemporâneas. Na escola, esse potencial pode ser explorado para promover o que a BNCC define como “leitura da realidade”.

A crônica, caracterizada por abordar eventos cotidianos e questões sociais com

linguagem acessível e estilo envolvente, desempenha um papel essencial na promoção da reflexão crítica sobre os valores e normas de uma sociedade. Por meio desse gênero, os cronistas conseguem alcançar um amplo público, pois ela estimula o engajamento cívico e a conscientização social. Ao questionar, criticar e satirizar aspectos políticos e sociais, os autores de crônicas incentivam um diálogo construtivo e uma análise profunda do panorama social.

Apesar de sua importância, a crônica foi por muito tempo “marginalizada” como um gênero de menor prestígio, principalmente devido à sua matriz histórica. O termo de origem grega “chronikós” está intimamente relacionado ao conceito de tempo e aos registros dos eventos que nele ocorrem. Por isso, inicialmente, a crônica foi concebida para relatar eventos políticos e fatos do cotidiano por meio de folhetins nos jornais do século XIX, mas ela evoluiu consideravelmente ao longo do tempo. Hoje, é reconhecida pela sua linguagem mais leve e pela capacidade de quebrar a rigidez da lógica argumentativa, introduzindo elementos de humor e incentivando a reflexão, como observa Cândido (1992)

Ao longo desse percurso, foi se afastando cada vez mais da intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobre tudo com intenção de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra o fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (Candido, 1992, p. 15)

Essa mudança reflete uma adaptação às expectativas do público contemporâneo e um reconhecimento do potencial expressivo da crônica. Em síntese, a crônica moderna emerge como uma forma rica e multifacetada de abordar a vida cotidiana, que consegue divertir e provocar reflexão ao mesmo tempo. A trivialidade presente nesse gênero inspirou Machado de Assis a escrever a fórmula da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se num suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue; está começada a crônica.

Embora Machado enfatize que crônica surja de algo tão comum quanto o clima, ela também pode se expandir para reflexões mais profundas ou, ao menos, gerar identificação e até uma conscientização social no leitor. Esse poder de partir de pequenos

eventos do cotidiano para tecer comentários maiores sobre a vida, a sociedade ou o momento histórico, reforça a ideia de que a crônica é o “samba da literatura” (Távola, 2001) e, por isso, consegue relacionar a subjetividade com objetividade da informação concebida pelo jornal.

Todo esse exposto nos mostra que o uso da crônica em sala de aula permite ao aluno reconhecer as dinâmicas que compõe a contemporaneidade a partir da realidade do cotidiano que ele está inserido, esses aspectos enriquecem a experiência de leitura, convidando o leitor a se engajar de maneira mais crítica e criativa com o conteúdo. Além disso, ela corrobora para o combate de uma escrita inexpressiva e desvinculada do contexto comunicativo. Por fim, no último tópico veremos como foi a experiência do uso desse gênero com a turma do 2º ano do Ensino Médio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção em sala de aula revelou que, embora a crônica seja um gênero textual previsto pela BNCC para ser introduzido já no Ensino Fundamental II, a maioria dos alunos relataram nunca ter tido contato com uma leitura reflexiva desse gênero ou produzido uma crônica. Essa constatação trouxe um novo significado ao nosso questionamento inicial e levantou outra reflexão: por que um gênero que deveria ser pré-requisito para outros trabalhados no Ensino Médio não é explorado como deveria? ainda permanece com menor prestígio em relação aos demais, como apontou Cândido há trinta e um anos? Serão questionamentos para uma próxima discussão, no entanto, foram indispensáveis para entender as lacunas/falhas no ensino desse gênero.

Apesar do pouco (ou quase nada) contato com a crônica, os alunos não tiveram problemas quanto a produção, no entanto, tivemos que revisar as características da organização estrutural do gênero. Outrossim, através das produções foi possível identificar aspectos que revelam como esses estudantes compreenderam e relacionaram a temática apresentada no gênero ao próprio contexto. Nesse caso, a escolha da crônica "País Rico", de Lima Barreto, foi estratégica, pois o autor utiliza a sátira, característica típica do gênero, para denunciar as contradições das estruturas de poder, revelar as hipocrisias e injustiças do governo vigente da época. Ademais, Barreto é reconhecido por ser um militante ferrenho na sua vida e obra.

A análise dessa crônica permitiu que os estudantes visualizassem como um cronista pode expressar uma crítica sobre questões sociais, o que foi fundamental para

guiá-los em suas próprias produções. Desse modo, os alunos foram orientados a escrever uma crônica sobre uma problemática que eles consideravam emergentes na sociedade. Ademais, vale ressaltar que as crônicas mais bem-sucedidas em termos de reflexão crítica foram aquelas que se distanciaram da mera descrição de situações cotidianas e, em vez disso, exploraram o potencial do gênero para questionar padrões sociais e as hierarquias de poder.

Para realizar a análise dos aspectos propostos neste trabalho, a crônica foi selecionada pelos seguintes critérios: reflexão crítica e estratégias discursivas do aluno, mas confessamos ter sido difícil escolher apenas uma, pois colhemos bons frutos em todas as produções. A seguir veremos a amostra do texto integral de um dos alunos, e entenderemos como ele desenvolveu os pontos supracitados em seu texto.

Dois mundos

Ao amanhecer, dona Maria acorda antes do sol para pegar o primeiro ônibus. Mora na periferia, onde as ruas esburacadas e as casas amontoadas contrastam com os bairros nobres que ela atravessa todos os dias para trabalhar. Na casa de sua patroa a vida parece diferente: tudo é limpo, organizado e abundante. Dona Maria com suas mãos calejadas, limpa o chão reluzente onde nunca andará descalça.

Do outro lado da cidade, Pedro, executivo de uma grande empresa, toma café da manhã com tranquilidade. Seus filhos estudam nas melhores escolas, têm acesso a tudo o que há de mais moderno. Ele acredita que o Brasil é um país cheio de oportunidades, mas ninguém nunca, nunca parou para refletir a realidade de dona Maria. A desigualdade é um conceito bastante invisível na sociedade.

Enquanto o dia termina, dona Maria se prepara para voltar à sua casa, já Pedro se prepara para uma reunião importante. Veja que eles vivem no mesmo país, mas com realidades distantes um do outro. Essas situações são comuns de serem encontradas ao longo do país.

Essa crônica nos atraiu, inicialmente, pelo título "Dois mundos", pois despertou a curiosidade e nos levou a pensar sobre quais mundos o texto iria abordar. Isso contribuiu para um impacto maior, porque somente ao final da leitura é possível perceber a profundidade das questões de desigualdade entre os "dois mundos".

Outro ponto que destacou este dos demais textos foi a escolha dos personagens pelo estudante: Dona Maria é uma expressão genérica usada no nosso estado para simbolizar a mulher comum da classe trabalhadora, que precisa “lutar” diariamente para sobreviver. Já Pedro, neste caso, é a representatividade do patriarcado, da elite que vive de maneira confortável, cercado de privilégios e alheio à realidade de pessoas como dona Maria.

Essa percepção crítica do aluno quanto a disparidade entre ricos e pobres permitiu que ele explorasse as diferentes realidades que coexistem em nosso país, e evidenciou como a desigualdade é frequentemente invisibilizada por aqueles em melhores condições socioeconômicas. Ao comparar diretamente Pedro e dona Maria, ele ressalta não apenas a distância geográfica, mas também social e econômica, simbolizando dois "mundos" de oportunidades e qualidade de vida distintas. A escolha dessa problemática revela a visão crítica do discente acerca da segregação estrutural que persiste na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar como o gênero crônica contribui para o desenvolvimento do senso crítico-reflexivo dos alunos do 2º ano do Ensino Médio. A partir das reflexões desenvolvidas durante a intervenção em sala de aula, foi possível alcançar os objetivos específicos propostos, que incluíam fomentar o posicionamento crítico dos alunos, explorar a temática apresentada na crônica, através da análise crítica e verificar a habilidade de escrita crítica e criativa dos discentes.

No entanto, diagnosticamos uma lacuna em relação à exploração da leitura e da escrita desse gênero, em detrimento dos outros. Supomos que esse fator esteja relacionado à priorização curricular nos anos finais do ensino básico, o que leva à futuras reflexões sobre quais são as prioridades, por que são definidas dessa forma e qual o papel de gêneros literários como a crônica que, apesar de seu potencial para estimular a escrita criativa, assim como a leitura crítica e reflexiva, ainda são tratados como coadjuvantes no Ensino Médio.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me conceder saúde, força e sabedoria para concluir esta etapa importante da minha vida acadêmica. Ao meu pai, Francisco das

Chagas da Silva, que, mesmo não estando mais presente fisicamente, permanece vivo em minha memória e coração, como uma fonte constante de inspiração e coragem. À minha mãe, Dilza Ferreira de Araújo, pelo amor incondicional, apoio e por acreditar em mim em todos os momentos. Sem o carinho, o incentivo e as orações dela, esta conquista não seria possível. Ao meu noivo, Lucas Gomes de Sousa, por estar sempre ao meu lado, sendo meu suporte e ânimo durante toda essa caminhada.

Agradeço também ao Professor Jeferson Silva da Cruz, pela orientação e paciência durante todo o processo de elaboração deste trabalho, e as minhas amigas Aianny Aparecida Diniz de Sousa, Ada Alyne Silva Vieira e Janete Fernandes dos Santos pela troca de conhecimentos e colaboração. Sem elas, esta experiência não seria a mesma. Por fim, expresso minha gratidão à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus IV, pelo suporte oferecido ao longo da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Análises de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português – encontro & interação**/ Maria Irandé Antunes – São Paulo: Parábola Editorial, 2003. – (Séria Aula; 1).
- ASSIS, Machado de. **Crônica escolhidas de Machado de Assis** – Coleção Folha. São Paulo: Ática, 1994, pág. 13 – 15.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- BUNZEN, Clecio. MENDONÇA, Márcia (organização); KLEIMAN, Angela B. [et al]. **Português no ensino médio e formação do professor**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Estratégia de ensino; 2).
- CANDIDO, A. et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**/ Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. – 3. ed., 15ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2022.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- TÁVOLA, A **Literatura de jornal (O que é a Crônica)**. Jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 27 jul. 2001.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011